

# O tempo na clínica psicanalítica: um estudo sobre o *Homem dos Lobos*

*The time in psychoanalytic  
practice: a study of the Wolf Man*

**Marcia Müller Garcez, Ruth Helena Pinto Cohen**

## Resumo

O presente trabalho pretende levantar a questão sobre o tempo em psicanálise e busca investigar alguns efeitos da temporalidade na clínica psicanalítica fazendo o uso de um caso clássico de Freud, com o intuito de indicar, a atualidade do tema. Busca-se encaminhar o que se processa como temporalidade lógica, tendo como suporte a teoria lacaniana. Para tal nos valem do texto o *Homem dos Lobos*, marcado por cortes e discontinuidades, em seu tratamento, para nos auxiliar a compreender os recursos temporais que fizeram do caso um desafio que vai de Freud e Lacan a autores contemporâneos.

## Palavras-chave

Homem dos Lobos; psicanálise; tempo.

## Abstract

*This study intends to raise the issue of time in psychoanalysis and aims to investigate some effects of temporality in psychoanalytic clinic using a Freud's classic case, in order to determine the relevance of the subject. It attempts to define what renders as temporal logic, supported by the Lacanian theory. For this we use the text *Wolf Man*, marked by cuts and discontinuities in his treatment, to help us understand the temporal features that made this case a challenge since Freud and Lacan to contemporary authors.*

## Keywords

*Wolf Man; psychoanalysis; time.*

## **Marcia Müller Garcez**

**Universidade Federal do  
Rio de Janeiro**

Mestranda da UFRJ, participante do núcleo de pesquisa "A criança no discurso analítico - Curumim" do Instituto de Clínica Psicanalítica ICP - RJ, e do núcleo de pesquisa Clínica Psicanalítica CLINP/UFRJ.

[marcia.mgarcez@gmail.com](mailto:marcia.mgarcez@gmail.com)

## **Ruth Helena Pinto Cohen**

**Universidade Federal do  
Rio de Janeiro**

Professora Doutora Adjunta do Programa de Pós graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ.

[rhpcohen@gmail.com](mailto:rhpcohen@gmail.com)

## O inconsciente atemporal freudiano

Com intuito de investigarmos a importância da temporalidade, como um fator presente na clínica psicanalítica e nas relações que os sujeitos estabelecem socialmente, recorreremos ao caso clássico do *Homem dos Lobos*, de Freud, relido por Lacan e que ainda desperta interesse em autores contemporâneos. Com isso ressaltamos os cortes e descontinuidades presentes no caso, que apontam para os efeitos temporais existentes e nos auxiliam na pesquisa das especificidades da psicanálise, na sociedade de hoje.

Desde os primórdios de suas descobertas sobre o inconsciente, Freud nos possibilitou pensar a atemporalidade como uma das características do inconsciente. Em sua publicação de 1915, sobre *O Inconsciente* (FREUD, 1975 [1915]), ele reúne uma série de características desse sistema, com o intuito de circunscrever sua topologia e funcionamento. Dentre estas encontramos:

Os processos do sistema Ics. são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não tem absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs. (FREUD, 1975 [1915], p. 214).

Essa afirmação freudiana se mantém como uma marca na psicanálise. Embora Freud não tenha se aprofundado especificamente nessa definição, encontramos esboços dessa ideia diluídos em seus textos, casos e pensamentos. Em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Freud (1975 [1901]) menciona a temporalidade quando distribui as Lembranças Encobridoras em categorias temporais como as de deslocamento retroativo, as antecipadas ou antepostas e as contemporâneas ou contíguas. A primeira refere-se ao conteúdo da lembrança, que pertence aos anos iniciais da infância e foram substituídas por vivências mentais ocorridas em um momento posterior da vida do sujeito. As antepostas por deslocamento são as que ocorrem de forma inversa: “uma impressão indiferente de época recente fixa-se na memória como lembrança encobridora, apesar de essa distinção dever-se à conexão com um evento anterior que as resistências impedem de ser reproduzido diretamente” (FREUD, 1975 [1901], p. 68). As denominadas contemporâneas ocorrem quando a lembrança encobridora tem uma relação com a impressão encoberta não só pelo conteúdo, mas também pela contiguidade temporal. Todo esforço empenhado por Freud, ao tratar do tema das lembranças, se dava na intenção de compreender algo mais sobre o esquecimento ou a ausência de lembranças da mais remota infância.

Ao fazer a passagem do método hipnótico para a associação livre, Freud (1975 [1914], p. 194) descreve, em *Recordar, Repetir e Elaborar*, que na hipnose o recordar se fazia de forma simplificada: “O paciente colocava-se de volta numa situação anterior, que parecia nunca confundir com a atual, e fornecia um relato dos processos mentais a ela pertencentes [...]”. Sendo assim, na hipnose ainda encontrávamos certa tendência em separar o passado do presente, fazendo com que a solução dos sintomas se desse a partir da recordação e da transformação de conteúdos inconscientes em conscientes. Com o método da associação livre, que substituiu a hipnose, dava-se lugar à palavra. Podemos pensar na atemporalidade do inconsciente marcada por Freud como um só tempo, no qual o paciente expressa algo de sua verdade.

Sob a nova técnica, muito pouco, e com frequência nada, resta deste deliciosamente calmo curso de acontecimentos. Há certos casos que se comportam como aqueles sob a técnica hipnótica até certo ponto e só mais tarde deixam de fazê-lo, mas outros se conduzem diferentemente desde o início. Se nos limitarmos a este segundo tipo, a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo (FREUD, 1975 [1914], p. 196).

Freud ao longo de sua obra, ao mapear e nomear o inconsciente tratando das lembranças, esquecimentos, atos falhos e sonhos, traz toda uma dimensão temporal impossível de se estabelecer cronologicamente. É a partir do termo *Nachträglichkeit*, do substantivo *Nachträglichst* que designa o *a posteriori*, que Freud condensa a noção de temporalidade como algo que se desdobra a partir do inconsciente. Na sua tentativa de desvendar os mistérios manifestados nos corpos de suas pacientes histéricas, percebe que presente, passado e futuro não são dimensionados de forma linear no inconsciente.

Em 1916, Freud (1975 [1916]) nos presenteia com um texto que foi convidado a preparar para um volume comemorativo chamado *O país de Goethe*. O texto foi intitulado *Sobre a Transitoriedade* e traz contribuições valorosas para esse tema, uma vez que aborda o tempo, assim como a finitude das coisas. Neste texto, questiona se as coisas perderiam o valor se fossem propensas a acabar e constata que, “pelo contrário, implica um aumento! O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (FREUD, 1975 [1916], p. 345).

Porém, Freud traz na mesma elaboração o fato de, por vezes, não conseguirmos usufruir da beleza ou dos valores das coisas, pelo “luto” que nos causa ao pensar que elas são acabáveis. Ele traz como exemplo a ideia de uma flor não deixar de ser bela por durar apenas uma noite. Pierre-Gilles Guéguen, em uma participação no seminário *Os Usos do Lapsos* – proferido por Jacques-Alain Miller – mencionou esse texto de Freud acrescentando que: “o inconsciente rechaça o tempo, sobretudo sua finitude, insuportável, e o mais impossível de ser considerado para cada um é a própria morte, a representação da própria morte [...]” (GUÉGUEN, 2004, p. 260, tradução nossa). O autor ainda acrescenta:

[...] ‘A transitoriedade’ mostra também que ao rechaçar o ser para a morte, ao mesmo tempo, o sujeito rechaça também o gozo do presente: o poeta da transitoriedade e sua bela companheira não gozam da beleza da paisagem, sob o pretexto dela desaparecer. Nesse texto, a nostalgia predomina no lugar do rechaço do passar do tempo e de gozar do instante presente. Assim a temporalidade se conjuga em Freud com a castração (GUÉGUEN, 2004, p. 261, tradução nossa).

Essa ideia de Freud sobre a limitação de fruição relacionada ao tempo de duração indica a singularidade do sujeito. Alguns podem não gostar de flores por serem rapidamente perecíveis, não podendo contemplar sua beleza, em outros casos, a adoração pode existir mais intensa por saber que vai terminar. Isso nos mostra que as saídas para a finitude, ou seja, o encontro com a castração irá marcar a via pela qual cada um poderá seguir.

## O Homem dos Lobos de Freud

O caso clássico de Freud de 1918 faz com que diversos estudiosos repousem até hoje seus olhares, devido à complexidade tanto em termos de variações diagnósticas, quanto em termos de compreensão do próprio caso, no intuito de indicar que se trata de algo inaugural para Freud: a interpretação de uma neurose produzida na infância.

Para a presente exposição, a importância do caso se mostra em torno das articulações temporais existentes. Por se tratar de um adulto atendido por Freud, mas que descrevia e construía o percurso de uma neurose iniciada na infância, já temos aí algo que incide sobre o tempo: uma construção e uma interpretação calcadas em uma lógica temporal própria. Também contamos com uma cena primária que traz efeitos temporais de retorno, ainda na infância, mas com intervalos entre os anos marcados por Freud. Outro elemento se faz curioso neste estudo: o analista dimensionou a análise do *Homem dos Lobos* em um tempo determinado. Estas questões nos levam a um detalhamento mais apurado do caso.

O jovem Russo, Serguei Pankejeff<sup>1</sup> o *Homem dos Lobos* chegou a Viena em fevereiro de 1910, dirigindo-se a Freud para ser analisado. Este, em seu texto *Análise terminável e interminável* de 1937 (FREUD, 1975 [1937]), retorna ao caso e relata o estado de completo desamparo do paciente que se encontrava sempre acompanhado por um médico particular e um assistente, uma vez que não possuía independência para andar sozinho, além de já ter recorrido aos mais diversos e variados especialistas.

O caso foi escrito em 1914, entretanto, foi publicado somente em 1918. Alguns anos antes de ir ao encontro de Freud, o jovem de dezoito anos teve sua saúde abalada com o advento de uma gonorreia infecciosa, que o deixou incapacitado e dependente de outras pessoas. Com isso, passou pelos mais variados sanatórios e foi cuidado por diversos especialistas que trataram o problema como um caso de insanidade maníaco depressiva. Tal diagnóstico era aplicado ao pai que sofria de crises de depressão graves, principalmente após a fragilidade da saúde de sua esposa, mãe do referido jovem.

Segundo Freud (1975 [1918]), no relato do caso, a primeira evidência do distúrbio neurótico do paciente se caracterizou por volta de seus quatro anos de idade sob a forma de uma fobia animal, principalmente de lobos, que ele chamou de histeria de angústia. Depois, esse distúrbio foi descrito como uma neurose obsessiva de conteúdo religioso até os dez anos de idade.

## Mudança de caráter

No decorrer do relato freudiano, contamos com alguns episódios que marcam descontinuidades e devem ser levados em consideração, uma vez que apontam os desdobramentos de toda periodização. Vale ressaltar que o próprio Freud ao construir a escrita do caso, com o acréscimo de novos elementos, evidencia um efeito de retroação que muitas vezes muda o sentido de suas sínteses.

Temos como personagens deste caso, o pai, a mãe, a irmã, a babá Nanya e a governanta inglesa, além da Grusha, outra babá dos anos iniciais do paciente que teve papel fundamental para a cena clínica. Segundo Freud, uma evidência de sua neurose, além da fobia de lobos e a neurose obsessiva de cunho religioso, é o fato de ter ocorrido uma aparente ‘mudança de caráter’, por volta de quatro anos e meio de idade. Podemos sinalizar como uma descontinuidade, assim como o autor o fez, dando importância a esse ponto, considerando uma ruptura que se evidencia no comportamento do paciente na infância.

### 1

O nome foi preservado por Freud em sua publicação, mas revelado posteriormente pelo próprio paciente que se apropriou da nomeação dada por Freud de *Homem dos Lobos*.

O menino era descrito como gentil ao ponto de a família dizer que ele devia ser a menina e sua irmã, o menino. No entanto, algo ocorreu e ele passou a mostrar-se inquieto, irritável e arredio, até mesmo com a querida babá Nanya, uma camponesa com afeição desmedida por ele. Atribuiu-se na época, a essa mudança em seu caráter, o fato de contratarem uma governanta inglesa para ficar responsável pelas crianças durante um dos verões em que os pais saíram por duas semanas. Tudo indica que tal governanta era excêntrica, viciada em bebidas e travava discussões com a Nanya, destratando-a na frente das crianças. Logo que os pais voltaram, a governanta foi demitida, mas permaneceu o comportamento insuportável do menino. Este episódio marca o início da neurose obsessiva, época em que sua mãe começa a lhe ensinar assuntos religiosos e, que de certa forma, acalma o menino. Ele passa a se ocupar de rituais religiosos como rezar muito e fazer o sinal da cruz, em séries incontáveis antes de dormir. Também fazia uma ronda por todas as santas da casa, subindo em uma cadeira para beijá-las uma a uma. Fato que destoava de pensamentos blasfêmicos contra Deus que lhe vinham à cabeça. Outro comportamento destacável era o fato de respirar e soltar o ar ruidosamente quando via pessoas das quais sentia pena, como mendigos, aleijados ou pessoas bem idosas.

## Episódio da sedução

Freud concorda inicialmente com os pais que remetem a mudança ocorrida no comportamento do menino à governanta inglesa. Porém, com a lembrança repentina do paciente sobre uma cena de sedução na qual a irmã o incita a iniciar suas atividades sexuais, produz-se outra descontinuidade no tratamento. Freud passa a buscar a causa da neurose em um incidente sexual real. Atribui a esta sedução uma marca na sexualidade do sujeito caracterizada por uma posição sexual passiva. Toda a agressividade e mudança de comportamento traduzem-se por uma reação a essa passividade.

Freud afirma que a virilidade adquirida pelo *Homem dos Lobos* é reacional, e que a passividade tem origem na sedução da irmã, reafirmada por outra cena que veremos com Nanya e com a emergência de um sonho de angústia. Com esses dados então, Freud faz seu caminho na linha edípica, acreditando em uma homossexualidade inconsciente, com uma passividade obrigatória. Defrontando-se com as questões sexuais, o menino dirigiu-se para a querida Nanya, deslocando sua escolha objetal e tentando dar continuidade às atividades masturbatórias. No entanto, a babá desiludiu-o, desaprovando-o e ainda acrescentou que as crianças que o faziam, ficavam com uma ferida no lugar. Fato esse que explica seu afastamento da babá e seus acessos hostis voltados para ela. Vale ressaltar que o jovem teve ao longo da vida uma relação de competição com a irmã, que também se destacava intelectualmente. Esta se matou distante de casa, envenenando-se. Esse fato foi levado por ele para sua análise, demonstrando uma reação apática ao ocorrido, seguida de certo alívio por ver-se como único herdeiro de seus pais.

## Pai simbólico, pai imaginário

O pai tem um papel fundamental e os anos mais maduros do paciente são marcados por uma relação insatisfatória com ele, que tinha seus ataques de depressão não mais ocultos ou disfarçados. Porém, o paciente conservava a recordação dos primeiros anos de infância, onde possuía uma relação afetiva com o pai, brincavam muito e ele era o filho preferido. Fato invertido posteriormente, onde a preferência ficou visivelmente voltada para a irmã, que foi avançando intelectualmente e ganhando o apreço dos pais.

Cabe assinalar que há uma identificação com o pai que se converte em demanda – ser amado pelo pai. A agressividade do menino passa a ser interpretada de duas formas: a da virilidade reacional e um apelo à punição, ser castigado pelo pai. Sob o sadismo oculta-se o masoquismo.

Jacques-Alain Miller (2009) em aulas ministradas sobre o *Homem dos Lobos* faz um apontamento para a função do pai, tão presente no caso, distinguindo-o a partir das vertentes simbólica e imaginária. Não é a discussão sobre haver ou não pai, o que Miller aponta é que há uma multiplicidade de pais e o fato de o pai ter ou não uma função simbólica, pacificadora.

O Nome-do-Pai é a função, que sobre essa grande desordem e essa grande onda de angústias, exerce uma organização pacificadora da qual o pai merece a posição simbólica. Essa é, a esse respeito, a ambiguidade da função do pai (MILLER, 2009, p. 43).

Acrescenta ainda:

Estamos no cerne da questão de saber o que é para nós o Nome-do-Pai. De todo modo, o Nome-do-Pai só tem valor em relação ao pai imaginário ou às instâncias imaginárias. A função imaginária do falo está completamente presente nesse texto. Vemos um pai imaginário, cruel, devorador, quer dizer, uma versão catastrófica da castração (MILLER, 2009, p. 44).

Em relação à multiplicidade de pais, ressaltada por Miller, temos os diversos tutores que o jovem teve ao longo da vida. Com eles, travava fortes relações, como o alemão que o ajudou a se desapegar das questões religiosas, mas substituiu por uma forte ligação ao modo de vida militar, assim como o referido tutor. Temos também a relação com os alfaiates, já na vida adulta, para quem pagava fortunas pelos serviços e nunca conseguia ver-se satisfeito com o resultado das encomendas, mas não conseguia dar fim a esta série de repetições. Além disso, Freud também considerou como um dos substitutos do pai, os homens que ele via como dignos de pena, ou seja, mendigos, deficientes, principalmente após ter visitado o pai debilitado no sanatório.

## Três correntes para a castração

No cerne do caso está a castração. Além de destacarmos as duas posições – atividade viril e posição de captura homossexualizante – podemos marcar, também, três correntes fundamentais que circunscrevem soluções para a castração distinguidas por Freud. Em primeiro lugar, o paciente rejeitou a castração, no sentido de nada querer saber dela no corpo das meninas. Ele se detém no ponto de vista da relação pelo ânus. Para exemplificarmos esta primeira corrente, temos o episódio em que ele observou sua irmã e uma amiga urinarem e mesmo com a ameaça de Nanya sobre a ferida, preferiu acreditar que elas tinham o traseiro na frente. Sobre a outra corrente, temos o fato do *Homem dos Lobos* ter reconhecido a castração como fato, resistindo a ela. Esta vertente ainda traz a contraposição de resistir ou ceder.

Primeiro, resistiu e, depois, capitulou; mas a segunda reação não *anulou* a primeira. Afinal, seriam encontradas nele, lado a lado, duas correntes contrárias, das quais uma abominava a ideia de castração, ao passo que a outra estava preparada para aceitá-la e consolar-se com a feminilidade, como uma compensação. Para além de qualquer dúvida, porém, uma terceira corrente, a mais antiga e profunda, que nem sequer levantara ainda a questão da realidade da castração, era ainda capaz de entrar em atividade (FREUD, 1975[1918], p. 107).

Como exemplo de reconhecimento da castração, Freud associa o episódio alucinatório que o paciente teve ao brincar com um canivete no jardim, e pensou ter visto seu dedo cortado, pendurado apenas por uma pele. Após alguns segundos, que sentira muito medo, voltou a olhar e percebeu que nada havia acontecido. Podemos pensar com Miller (2009), que neste episódio, localizaríamos não o reconhecimento da castração, mas a terceira corrente, apontada por Freud como possível de reaparecer a qualquer momento. Haveria neste episódio a evidência de uma forclusão<sup>2</sup>, algo que fica fora do circuito, à parte da linguagem discursiva. Neste sentido, podemos pensar na alucinação do dedo cortado também como “o que da castração jamais fora reconhecido e admitido” (MILLER, 2009, p. 18). Diz o autor, ao retornar sobre o tema das três castrações na segunda parte de suas aulas, que nas duas primeiras (a da sedução e do sonho) houve uma regressão que entendemos como uma manobra temporal lógica, ou seja, já que a primeira indica um “retorno a fase anal e a segunda a oral” e como consequência, a última, caso se realizasse, deveria “acertar os ponteiros” (MILLER, 2011, p. 11).

Temos assim como Lacan o sublinha em seu seminário sobre o *Homem dos Lobos* de 1952 – que ele é um personagem em que uma parte de seu drama é sua inserção poderíamos dizer, “desinserida”<sup>3</sup> na sociedade (LACAN, 1952).

**2**

Termo utilizado por Lacan para explicar a *Verwerfung* de Freud.

**3**

Traduzido do espanhol: “desinsertada”.

## O sonho de angústia e a cena primária

Recorreremos agora ao sonho que deu o nome ao paciente *Homem dos Lobos*, recordado em sua análise com Freud (1975 [1913], p. 358) e publicado pela primeira vez em 1913 no texto *A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas*:

Sonhei que era noite e eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes como raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei.

Após o sonho, acordou muito agitado e foi amparado pela babá Nanya que ainda levou um tempo para convencê-lo de que se tratava de um sonho. Ao evocar esta recordação da infância, ainda acrescentou um desenho desta cena que entregou a Freud. Além do relato e do desenho, o paciente associou o sonho ao medo de lobos de sua infância, intensificado pela irmã que lhe mostrava um livro com uma figura aterrorizante de um lobo na posição ereta. Associou também a cor branca dos lobos aos rebanhos de ovelhas mantidos na propriedade da família. O pai o levava para ver o rebanho, na época em que tinham uma boa relação. Já o fato dos lobos estarem na árvore, atribuiu a uma história que seu avô lhe contava e que tratava de um alfaiate que trabalhava, quando um lobo pulou a janela. O alfaiate o perseguiu com seu bastão até lhe cortar a cauda, fazendo com que o lobo fugisse amedrontado.

Na leitura desse sonho, Freud percorre a angústia de castração e a conexão com o pai. Ele considera uma alusão à castração, o corte da cauda. Faz ainda um minucioso estudo sobre os detalhes do sonho como a cor, posição, fato deles

estarem inertes na árvore, entre outros. Ainda há uma associação do sonho ao conto de fadas dos *sete cabritinhos*, em que se levou em consideração a quantidade de lobos.

Mas, o que podemos destacar como principal é o fato de o sonho, ocorrido aos três ou quatro anos de idade, levar a uma cena primária<sup>4</sup>, ainda anterior, onde o paciente assistira um *coito a tergo*<sup>5</sup> de seus pais. Temos com esse sonho uma nova descontinuidade. Somos levados a um ponto anterior ainda da sedução com a irmã. Podemos pensar a castração e certa fixação anal em um movimento de retroação que ilustram a forma como Freud descreve o caso. O sonho já fora relatado na análise e vez por outra retornavam a ele, mas só em um *a posteriori* e com a associação do paciente conseguida nos últimos meses de análise é que as conexões foram possíveis. O olhar evidenciado na cena, dos lobos inertes que o fitavam fixamente, pôde trazer à luz fragmentos como: a ocorrência (real) em idade prematura, olhar, imobilidade, castração, pai, terror e angústia. A partir desse novo corte, com as crescentes associações que emergiram acerca do sonho, o paciente teve a convicção da realidade da castração.

Porque agora via com seus próprios olhos a ferida da qual a babá havia falado e compreendia que a existência dessa ferida era uma condição necessária para a relação com o pai. Não podia mais confundi-la com o traseiro, como fizera quando observara as duas meninas (FREUD, 1975 [1918], p. 64).

Outra cena, marcante para a fixação anal que se produziu no paciente, foi recordada por ele, depois do sonho, mas que remetia a uma temporalidade anterior a este: a visão de outra ama, Grusha, que havia trabalhado em sua casa – também afetuosa e querida por ele – em posição similar a do coito da cena primária. Ela esfregava o chão com uma vassoura ao lado, quando o paciente com seus dois anos e meio de idade chegou à cozinha e urinou ao se deparar com a cena. Tal recordação remete-nos, novamente, a aparente desordem dos fatos. Esta cena teria se dado logo após a cena primária e antes até mesmo da sedução com a irmã e já teria marcado no paciente a forma com que iria relacionar-se com as mulheres, sempre socialmente inferiores e privilegiando a posição sexual descrita.

Se pensarmos em uma ordem cronológica, teríamos: 1) cena primária; 2) cena da Grusha na cozinha; 3) sedução da irmã; 4) ameaça de castração feita pela Nanya; 5) sonho de angústia. No entanto, o interessante para nós é justamente a desordem que faz com que a análise possa trazer os fatos em busca de uma ordem própria ao trabalho do inconsciente. Assim temos o atemporal do inconsciente e o efeito da temporalidade na interpretação.

A atualidade do caso, se presentifica quando pensamos com Jacques-Alain Miller (2000) sobre o tempo na clínica psicanalítica em dois vetores – T1 e T2 – sendo o primeiro o que progride e o segundo, o que retroage. Essa reversão temporal precipita o presente no passado e a experiência é atualizada na presença do analista, marcando uma produção de saber. Segundo ele, “... o analista se dedica a encarnar na atualidade o instante do passado” (MILLER, 2000, p. 52).

*O Homem dos Lobos* vem nos ensinar que, em pleno século XXI, mesmo que o inconsciente não seja da mesma tessitura que na época de Freud, obedece a uma lógica temporal própria. Na construção de cada caso, temos que nos ater a modalidade de repetição do sintoma do paciente, sua maneira singular de agir, retroagir, repetir e continuar. Entretanto, sabemos que o campo do Outro, campo da cultura, lugar do inconsciente e do código linguístico, segundo Lacan (1992), sofre mutações constantes e

#### 4

Cena da qual Freud se ocupou exaustivamente em tentar descobrir se era real ou imaginada, construída. Embora, em seus escritos prevalecesse uma tendência em consentir a realidade da cena, uma vez que esta se contrastava com a fantasia de contos de fadas, optou por não dar um veredito.

#### 5

Cópula na posição por trás.



consequentemente produz novas formas de funcionamento sintomático. Como pensar a influência da aceleração, típica de nosso tempo, nos sujeitos, que vivem sob a égide da pressa e do acesso direto aos objetos de consumo, como forma ilusória de evitar o encontro com a castração?

## Considerações finais

No referido caso foi possível perceber os efeitos rápidos do trabalho analítico, como Freud (1975 [1937], p. 248) afirma em *Análise Terminável e Interminável*: “no curso de poucos anos, foi possível devolver-lhe grande parte de sua independência, despertar seu interesse pela vida e ajustar suas relações com as pessoas que lhe eram mais importantes”.

No entanto, os efeitos terapêuticos estagnaram e Freud atribuía a isso certa acomodação do paciente, pois a situação lhe parecia confortável e não havia interesse em avançar nas descobertas de sua neurose. Diante deste dilema, Freud lançou-se em uma manobra temporal que consistiu em fazer pressão fixando um prazo para o final de sua análise independentemente dos resultados obtidos.

A princípio, não acreditou em mim, mas, assim que se convenceu de que eu falava absolutamente a sério, a mudança desejada se estabeleceu. Suas resistências definharam e, nesses últimos meses de tratamento, foi capaz de reproduzir todas as lembranças e descobrir todas as conexões que pareciam necessárias para compreender sua neurose primitiva e dominar a atual (FREUD, 1975 [1937], p. 248-249).

Esta é uma manobra temporal que merece destaque nesse trabalho, independente das críticas sobre a assertividade deste fato, simplesmente porque denota que o tempo faz toda a diferença no curso de uma análise ou mesmo nas relações que o sujeito estabelece com o mundo. Como podemos entender que uma pressão temporal imposta pelo analista trouxesse à luz uma gama de material clínico? Mesmo sabendo que os casos clínicos só podem ser trabalhados em suas especificidades, este traz uma demonstração de como o fator tempo age subjetivamente, ou seja, está fora, no social, e ao mesmo tempo é tão íntimo. Teríamos uma lógica que aponta para o mais externo como o mais interno ao campo do sujeito.

Não vamos tomar como referência a manobra da temporalidade cronológica, uma vez que estamos defendendo justamente uma lógica de funcionamento do tempo do inconsciente, entretanto, podemos destacar que Freud o fez com a sensibilidade de um analista, com o desejo do analista que o impulsionou na singularidade desse caso. Por isso afirmou e alertou para o cuidado que teve ao fazer tal intervenção.

(...) Só pode haver um veredicto sobre o valor desse artifício de chantagem: é eficaz desde que se acerte com o tempo correto para ele. Mas não se pode garantir a realização completa da tarefa. Pelo contrário, podemos estar seguros de que, embora parte do material se torne acessível sob a pressão da ameaça, outra parte será retida e, assim, ficará sepultada, por assim dizer, e perdida para nossos esforços terapêuticos, pois, uma vez que o analista tenha fixado o limite de tempo, não pode ampliá-lo; de outro modo, o paciente perderia toda a fé nele (FREUD, 1975 [1937], p. 250).

Nessa ocasião, Freud afirma também que um erro de cálculo não pode ser retificado e que a decisão de recorrer a esse artifício cabe ao ato do analista. Sabemos ainda, que o trabalho de análise desse paciente não parou

por aí, tendo dado continuidade anos mais tarde, com uma das alunas de Freud – Dra. Ruth Mack Brunswick – após a recorrência de sintomas de caráter paranóico.

Miller acrescenta que a terceira corrente reativável da castração, nos indica que seria impossível determinar ou fixar um tempo de análise para este paciente, apesar dos notáveis efeitos que este artifício possibilitou.

(...) Talvez pela acuidade clínica de Freud, esse caso me inspira a maior admiração. O que podemos criticar em Freud é de ter tido a ideia de que quatro anos de análise era muito longo, enquanto que com o Homem dos Lobos, ele tocou um paciente moderno, um paciente realmente moderno, quer dizer, um paciente fazendo parte dos que verdadeiramente forçaram os limites temporais do tratamento analítico. Isto, com efeito, Freud não reconheceu. Não reconheceu o que ele próprio dizia, a saber, que a terceira corrente sempre reativável podia romper os diques temporais da análise (MILLER, 2009, p. 20).

Hoje, ou na época de Freud, temos que dar atenção à lógica temporal das análises e, conseqüentemente, às relações que o sujeito estabelece socialmente. É preciso estar atento às construções e desconstruções estabelecidas no trabalho analítico. O que testemunhamos, na cultura ocidental de hoje, são soluções encontradas para burlar os efeitos da castração, da finitude e da incidência da Lei, que sempre pode ser interpretada de várias maneiras. Esses paradigmas incidem diretamente sobre o tempo lógico, que concerne à singularidade subjetiva e ao cronológico que norteia o funcionamento coletivo.

O *Homem dos Lobos* nos ensina como o significante tempo, é próprio de cada sujeito, mesmo que a temporalidade social provoque um empuxo à pressa em concluir, não havendo tempo para compreender e, talvez, deixando-nos atônitos e presos ao instante do olhar. Esses três tempos descritos por Lacan (1998): ver, compreender e concluir trouxe um raciocínio lógico para a sessão analítica, que passou a não mais a ser regida pelo tempo cronológico. A análise, também, requer sequência, seriação e certa duração, um tempo para compreender e concluir. O caso do *Homem dos Lobos* no forçamento dos limites do tratamento nos leva a avançar e pensar sobre a dinâmica temporal de nossa época e à singularidade dos casos na clínica psicanalítica. A prática com sessões curtas ou variáveis não visa a decifração do “que isso quer dizer” infinitizado, mas inclui o “isso quer gozar” (COTTET, 2005, p. 20-21). Se acompanharmos Lacan, nos anos setenta, e aceitarmos que o sujeito falante goza com seu discurso, podemos inferir que a sessão analítica pode ser um recurso temporal lógico ao tratamento desse excesso, desse resto inassimilável.

## Sobre o artigo

Recebido: 13/08/2011

Aceito: 14/10/2011

## Referências bibliográficas

COTTET, S. Efeitos terapêuticos na clínica psicanalítica contemporânea. In: \_\_\_\_\_. **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p.11-40.

FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. VI, p. 13-277.

\_\_\_\_\_. A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas (1913). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XII, p. 353-362.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XII, p. 191-203.

\_\_\_\_\_. O Inconsciente (1915). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XIV, p.185-245.

\_\_\_\_\_. Sobre a transitoriedade (1916). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XIV, p. 345-348.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XVII, p. 13-153.

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII, p. 239-287.

GUÉGUEN, P.-G. El tiempo de Freud y el de Lacan. In: MILLER, J. A. **Los usos del lapso**. Buenos Aires: Paidós, 2004, p. 253-273.

LACAN, J. **Seminário do Homem dos Lobos**. 1952. Inédito.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 197-213.

MILLER, J.-A. **A erótica do tempo**. Latusa, Rio de Janeiro: EBP, 2000.

\_\_\_\_\_. O Homem dos Lobos. **Opção Lacaniana**, São Paulo, Edições Eolia, nº 56/57, p. 9-65, 2009.

\_\_\_\_\_. O Homem dos Lobos (2ª parte e final). **Opção Lacaniana**, São Paulo, Edições Eolia, nº 59, p. 9-64, 2011.